ISSN 2238-0272

# Transdisciplinaridade: arte_ equoterapia

Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa e Camille Venturelli Pic[1]

**Resumo**

O texto apresenta o desenvolvimento da pesquisa Arte_Equoterapia: confluência na educação em artes visuais, destacando a transdisciplinaridade como método e dimensão para ações do que se pode constituir como uma das funções da arte hoje. A pesquisa partiu inicialmente da seguinte questão: como o ensino das artes visuais, no contexto da educação em artes visuais, pode contribuir para a educação especial? O texto mostra que um dos caminhos possíveis é trabalhar elementos constitutivos oriundos das artes visuais, como encontrados na produção de materiais em artes e sua utilização criativa com estudantes deficientes do ensino básico, fundamental e médio, em conjunto com as potencialidades oriundas da equoterapia.

Palavras-chave: educação em artes visuais, equoterapia, transdisciplinaridade, educação especial

**Abstract**

The paper show the development of the research Art_Equine Therapy: confluence in education based in visual arts, detach the transdisciplinary how method and dimension for actions that can make constitution with one of many functions of art today. The research begins about the question: how the visual arts instruction in the context of education based in visual arts, can contribute to special education? The paper indicate that one possible way to work is using elements based in visual arts, how thus we find in materials of arts and yours creative utilization with students who have special needs of basic brazilian education, elementary and middle, in union with the potency that coming of the equine therapy.

Keywords: education in visual arts, equine therapy, transdisciplinary, special education.

## Introdução

A pesquisa Arte_Equoterapia: confluência na educação em artes visuais tem por objetivo criar, observar e avaliar diversas atividades arte educativas e de equoterapia que praticantes voluntários estarão realizando. No contexto da aplicação prática, busca-se contribuir com o desenvolvimento escolar dos estudantes deficientes que participam da pesquisa, considerando para tanto o esforço da escola e da família, para auxiliar na educação inclusiva, ganhos na saúde e bem das crianças. Nesse sentido, pretende-se mostrar como a educação em arte e equoterapia conjuntamente são meios para atingir a essência dos estudantes e para auxiliar no desenvolvimento escolar de uma maneira geral.

Os sujeitos da pesquisa não são meramente iguais a pessoas comuns do dia-a-dia e os meios para aplicar as atividades arte educativas, não são corriqueiros. A transdisciplinaridade entre as áreas das Arte, Educação e Equoterapia vai ao encontro do pensamento de Arthur C. Danto (2010), e de teorias da arte de outros filósofos e artistas, que serão citados no transcorrer do texto.

A pesquisa envolve um público muito especial, crianças diagnosticadas com o Transtorno de Espectro Austista (TEA). Para Marcelo Módulo (2015), o TEA é um transtorno mental que pode variar na apresentação da quantidade das características de cada indivíduo. Porém, existem três grandes esferas de aspectos importantes que o autista costuma apresentar: prejuízo na interação social, prejuízo na comunicação e demonstrativos de padrões restritos e repetitivos de comportamento. O autista mantém

ISSN 2238-0272

um estado de suspenção da concentração, tendo dificuldades em focar em objetos e em momentos que estejam fora de uma padronização.

A proposta também pretende levantar a questão sobre a validação dos resultados dos trabalhos artísticos realizados pelos estudantes praticantes em relação ao próprio meio da arte. Ou seja, após um ano de pesquisa-ação com seis praticantes, como toda a produção dessas crianças poderá ser avaliada pelo meio artístico? De acordo com Danto (2010), como avaliar se os trabalhos podem ser considerados obras de arte ou mera coisas reais? Será necessário a produção ser reconhecida também como uma obra de arte? Somente pessoas com formação em arte podem ser reconhecidos como artistas? O gênero da obra poderá ser considerada especial? Qual teoria da arte melhor para responder essas questões?

Segundo Danto (2010), nem tudo em que o artista toca se torna arte. Mesmo assim, pode ocorrer o reconhecimento do meio, apesar do desinteresse do próprio sujeito. A pesquisa tem a preocupação também com a leitura e a interpretação da produção artística realizada pelos praticantes e para isso a teoria da ação, levantada por Danto (2010), também poderá contribuir. O autor explica a grande diferença da ação, apresentada pelo artista institivamente ou propositalmente; e como uma escolha aleatória pode interferir enormemente na arte.

Além das questões apresentadas sobre a produção artística de deficientes, do seu reconhecimento e da sua avalição pelo meio, a pesquisa parte do pressuposto que no contexto da educação em artes visuais, o fazer e processos de criação  são fundamentais para o ensino especial, pois recorrem à auto-expressão utilizando-se de uma ou mais linguagens, enquanto a equoterapia, um método terapêutico que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas de saúde, educação e equitação, contribui simultaneamente na produção de novas células nervosas, no tônus muscular, na melhoria do equilíbrio e no desenvolvimento biopsicossocial.

## Produção artística *especial*

O artista pode expressar tantas coisas diferentes, de tantas formas, que a expressão é o conceito mais aceito pelos teóricos contemporâneos, como Danto (2010). Para ele, o conceito de expressão pode ser o mesmo de metáfora, se a representação realmente estiver em comunhão com o conteúdo. Por outro lado, o estilo é um meio de representação que imprime as diversas qualidades em uma expressão, por meio da técnica, do desejo, do conhecimento, das escolhas, do material, do estudo, ou seja, tudo compõe seu modo próprio de expressão. O estilo é a comunhão entre o artista/criador e a expressão.

Sobre a expressão na arte, verificamos que deficientes já foram reconhecidos como artistas; e suas criações reconhecidas como obras de arte, apesar de resultantes de processo terapêutico. Os processos terapêuticos possibilitaram que exprimissem seus sentimentos, demonstrando que a arte é também um importante meio de comunicação.

Gustavo Henrique Dionísio (2001), ao relatar sobre o Museu de Imagens do Inconsciente inaugurado oficialmente em 1952, disse que antes de sua inauguração ocorreu uma história muito interessante, desconhecida do público. Relata que a psiquiatra Nise de Silveira, em 1946, assume a direção da seção de terapêutica ocupacional e reabilitação do centro psiquiátrico nacional, criando um setor de atelier de pintura e escultura para os pacientes, e que esperava que fosse observado clinicamente melhoras, com as atividades expressivas realizadas. No mesmo ano, depois de constatar a grande produção artística dos pacientes,  que foi inaugurada a Primeira Mostra de Imagens do centro psiquiátrico, com a participação de adultos e de crianças que faziam as atividades. As obras de arte foram consideradas muito expressivas e portanto foram expostas posteriormente no ministério da educação, permitindo o acesso a muitas pessoas, causando um grande interesse. No ano  seguinte o ministério adquiriu 245 obras, permitin-

ISSN 2238-0272

do que fosse feita uma outra exposição.

Com o passar do tempo, o interesse pelos trabalhos dos pacientes foi crescendo tão rapidamente quanto a quantidade de obras produzidas e, em 1952, foi aberto o Museu de Imagens do Inconsciente com apoio de várias instituições. Uma pequena mostra dos internos encheu de cores o salão de uma ala da parte administrativa do hospital. Em 1957 uma obra que tinha como tema a esquizofrenia, foi enviada a um congresso Nacional de Psiquiatria, em Zurique na Suíça. A obra foi analisada por Carl G. Jung, que estava estudando a estrutura básica da psique e que considera o trabalho de criação como algo que vem da profundeza do inconsciente.

Para Edvaldo Pereira Lima (2013), a doutora Nise de Silveira fez um trabalho firme e delicado, levando os internos a possibilidade ao mundo da criação em um período tão complicado em um hospício. O Engenho de Dentro, local onde se encontra o museu atualmente é considerado uma das mais importantes instituições que tratam da psicologia no Brasil. A seguir, descrevemos algumas obras produzidas por pacientes que foram expostas no Museu de Imagens do Inconsciente, que são de interesse para a pesquisa em questão.

A obra de Ênio Sérgio (figura 1), é interessante para a pesquisa, pois apresenta a temática com animal, no caso um peixe, e também chama a atenção pela qualidade na combinação de elementos gráficos, recurso de composição que remete à proporção áurea, assim como pela qualidade do traço preciso e contínuo com composição equilibrada e, finalmente, pela organização das cores, como os tons de amarelos, laranjas e azuis. Sobre a sua vida destacamos, que nasceu em São João Del Rey, Minas Gerais, em 1962 e reside atualmente no Rio de Janeiro. Frequentou o Espaço Aberto ao Tempo (EAT), e no Museu de Imagens do Inconsciente em 1995, escolheu a pintura e a modelagem como atividades preferidas. Suas obras foram reconhecidas no meio artístico, pois participou de várias exposições com curadoria.

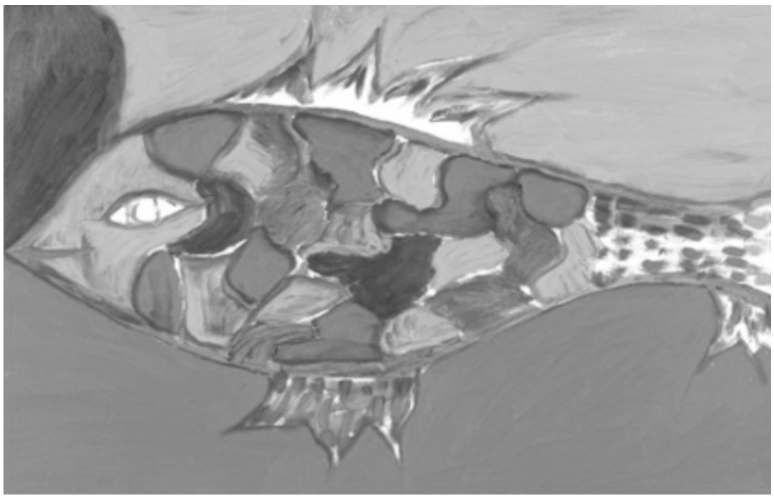

Figura 1 - Obra do artista Ênio Sérgio. Acervo: Museu de Imagens do Inconsciente,

A obra do artista José Alberto de Almeida (figura 2), do acervo Museu de Imagens do Inconsciente, apresenta expressão artística, a sua sensibilidade estética, que se revela extremamente curiosa e fácil de ser percebida pelo simples confronto entre as diferentes concepções e simbolismos, as variedades de estilo e de técnica, a procura da forma e da cor, o equilíbrio, a harmonia, as sutilezas de tratamento plástico, na sua aproximação com a natureza. Ele nasceu no Rio de Janeiro, em 1959 e em função de problemas familiares, passou a perambular pelas ruas. Começou a participar, em meados da década de 1980, dos ateliês de pintura e modelagem do Museu de Imagens do Inconsciente. Suas telas são muito coloridas, carregadas de simbologia. Escreve textos e poemas, revelando também nessa produção uma intensa criatividade.

ISSN 2238-0272

Figura 2 - Obra do artista José Alberto de Almeida. Acervo: Museu de Imagens do Inconsciente,

A obra do artista Emygdio de Barros apresentada a seguir (figura 3), faz parte também do acervo do Museu de Imagens do Inconsciente. Ela interessa para a pesquisa particularmente em função da representação de paisagem de campo que o artista compôs com cores próximas da realidade, ou seja, o céu azul, as árvores com folhas verdes, terra marrom, cercas e caminho traçado. Nasceu na cidade de Paraíba do Sul, Rio de Janeiro, 1895 e faleceu em 1986. Pintor interno do Hospital Psiquiátrico D. Pedro II desde 1920, inicia seus estudos artísticos, em 1946, no ateliê de pintura dessa instituição, mantido pelo Serviço de Terapia Ocupacional do Centro Psiquiátrico Nacional.

Figura 3 - Obra do artista Emygdio de Barros. Acervo: Museu de Imagens do Inconsciente

## O Sentir *especial*

Partindo do ponto de vista da percepção, como o leitor pode observar nas pinturas acima, a forma e a cor na arte é algo que é percebido por nós por meio dos sentidos da visão/cérebro por onde transitam as informações, levam à produção de substâncias químicas, fazendo com que tenhamos estímulos perceptivos e experiências estéticas,

ISSN 2238-0272

sobre isso Merlau-Ponty diz que:

> O amarelo e o vermelho acentuam os erros na estimativa do peso e do tempo; nos cerebelosos, eles são compensados pelo azul e sobretudo pelo verde. Nessas diferentes experiências, cada cor age sempre no mesmo sentido, de forma que se pode atribuir a elas um valor motor definido. No conjunto, o vermelho e o amarelo são favoráveis à abdução, o azul e o verde à adução. Ora, de uma maneira geral, a adução significa que o organismo se volta para o estímulo e é atraído pelo mundo; a abdução, que ele se desvia do estímulo e retira-se para seu centro . Portanto, as sensações, as "qualidades sensíveis", estão longe de se reduzir à experiência de um certo estado ou de um certo *quale* indizíveis, elas se oferecem com uma fisionomia motora, estão envolvidas por uma significação vital. Sabe-se há muito tempo que existe um "acompanhamento motor" das sensações, que os estímulos desencadeiam "movimentos nascentes" que se associam à sensação ou à qualidade e formam um halo em torno dela, que o "lado perceptivo" e o "lado motor" do comportamento se comunicam.
> (Merlau-Ponty, 1999, p. 283).

Para os autistas, que vivem em um espaço no qual a informação e sua forma de pensar se diferencia das outras pessoas comuns, o espaço real é percebido de outro modo. Por exemplo, o equilíbrio do corpo pode tender mais para um lado do que para outro, o olhar não foca nos olhos de outras pessoas mais do que um breve momento. O olhar para os pais, os professores, os parentes e para qualquer outra pessoa, é superficial. O Transtorno do Espectro Austista (TEA) é percebido em bebês inicialmente pela falta de interesse em rostos, sorrisos, olhares e qualquer forma de afeto expressada pelo rosto humano, pouco importa ter uma face sorridente ou não. Em alguns casos, algumas crianças parecem demonstrar interesse e sociabilidade, não distinguindo se é um parente ou se é alguém que acabou de conhecer, essa atitude pode confundir o diagnóstico de interação e de socialização, porém, essa é uma característica em deficiência e demonstra que a percepção espacial é completamente diferente, nesse caso. A partir da repetição, a criança autista cria padrões de comportamento, o mesmo acontece com a rotina, em que ela se sente confortável sem que haja alterações no seu cotidiano. A experiência de um autista será sempre diferente de uma outra pessoa, apesar de ter dificuldades em alguns campos da vida, a percepção através dos sentidos da visão, por exemplo, traz um certo encantamento.

Por exemplo, o artista Stephen Wiltshere, londrino, é um caso peculiar, de um artista autista, com grande aptidão em arte mímetica/realística, pois é capaz de reproduzir grandes paisagens com pouco tempo de observação sobre o local (figura 4).

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

ISSN 2238-0272

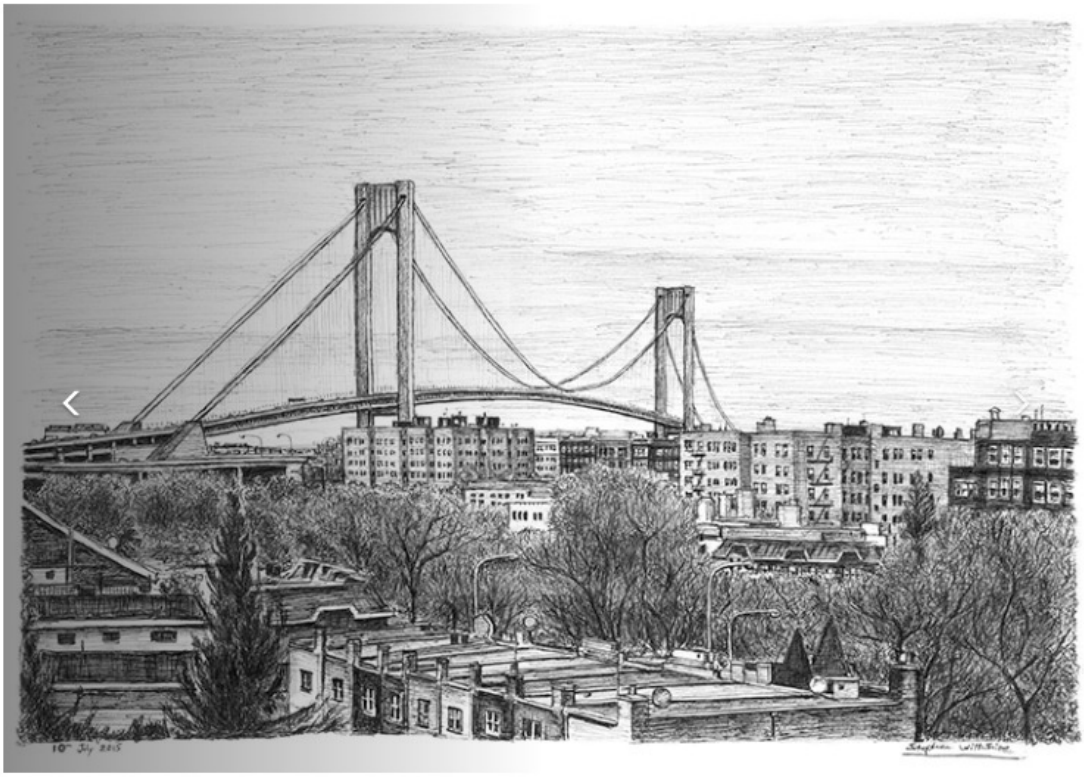

Figura 4 - Stephen Wiltshere, Verrazano Narrows Bridge , 2015.

De acordo com seu *site*, Stephen não apresentava comunicação verbal total até os 9 anos de idade, com o auxílio das artes, o pequeno futuro artista conseguiu se expressar, criando um laço entre as linguagens artísticas.

Este notável artista (figura 5) já foi considerado o melhor artista criança de Londres, foi selecionado para executar muitos "*Jobs*" com o intuito para fazer a reprodução de prédios de grandes metrópoles como de Tokyo. Atualmente estuda Belas Artes na *City and Guilds Arte College*.

Figura 5 - Stephen Wiltshere

É perceptível na obra do artista, sua habilidade em representar uma paisagem. Normalmente, o autismo vem associado com alguma outra deficiência mental, o que seria o grande fator em que o atrapalha para que desenvolva a comunicação verbal (figura 6), mas também abre espaço para outra forma de comunicação, como pode ser observado na obra *London Metropolis*.

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

ISSN 2238-0272

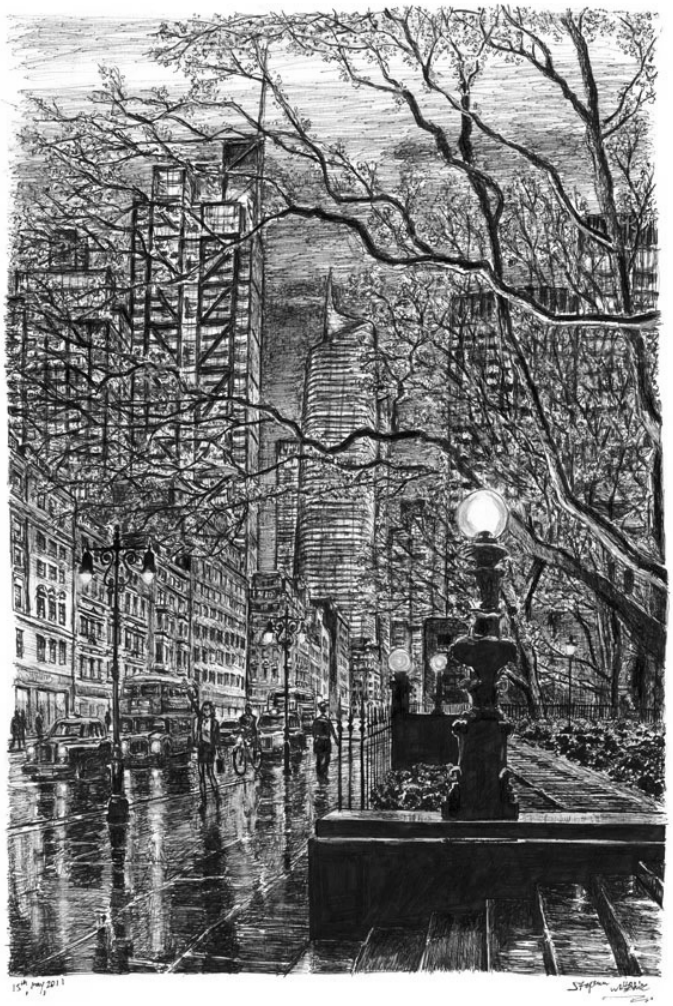

Figure 6 - London Metropolis

Em seu livro *Conversando sobre o autismo com pais e educadores*, a autora cita que a capacidade de perceber detalhes é impressionante, e que existe limitação na capacidade de criar conceitos, as características de boa memória em alguns campos da vida costumam deslumbrar as pessoas. Duarte, cita o neurologista Olivers Sacks, que fala dos talentos que a deficiência as vezes ajuda. Os talentosos autistas teriam as grandes habilidades, chamadas de "Savant", conectadas a memória. Para ele, os Savants podem ter grandes potencias artísticos, musicais, literais, matemáticos, mas associados a perdas sociais. O caso contado de Savant mais famoso foi o de Kim Peek, autista capaz de memorizar qualquer livro que leu para sempre com detalhes, podendo decorar 98% do que foi feita a leitura, é a pessoa o qual inspirou o personagem do filme Rain Main, interpretado por Dustin Hoffman. Porém, como um "comum autista" ele não evoluiu muito em outros aspectos em sua vida, como a comunicação verbal.

Segundo Merleau-Ponty, tudo que é percebido por nós é retornado através de relações orgânicas, o sujeito e o seu mundo, são o que fazem o seu próprio espaço. O autor cita que "inverter o objeto é retirar-lhe sua significação" e " O espaço e, em geral, a percepção indicam no interior do sujeito o fato de seu nascimento [...] " (MERLAU -PONTY, 1999, p. 342). Estas reflexões representam também a percepção espacial do mundo do autista, significando o mundo interior que percebe o exterior mas só capta para dentro o que for determinantemente necessário, não se apegando a supérfluos não-padrões, é importante ressaltar que alguém diagnosticado com TEA é capaz de ter ataques de fúria e ansiedade com a perda do padrão.

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

ISSN 2238-0272

**Conclusão**

A expectativa nessa pesquisa é de que, no transcorrer das atividades, em conjunto com os estudantes especiais, possamos verificar primeiramente a importância da transdisciplinaridade, envolvendo a arte e a equoterapia, no desenvolvimento de suas habilidades psicomotoras no contexto escolar, assim como, analisar a importância da pesquisa no desenvolvimento de sua comunicação com mundo exterior e, também, demonstrar que a percepção do mundo através da arte poderá afetar nossos sentimentos estéticos.

A percepção é algo cientificamente demonstrada e filosoficamente considerada um percepto, ou seja, se relaciona com a experiência pessoal que temos com um objeto ou com a força de uma experiência estética.

**Referências**

Danto, Arthur C. A transfiguração do lugar comum: uma filosofia da arte. São Paulo, 2010.

DIAS, Belidson. Arrastão: o cotidiano espetacular e práticas pedagógicas críticas. In: Martins, Raimundo; Tourinho, Irene (Orgs.). Cultura das imagens: desafios para a arte e para a educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012. p. 55-73.

DIONÍSIO, Gustavo Henrique, Museu de Imagens do Inconsciente: considerações sobre sua história, Scielo Brasil, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000300005
Acesso em 10 set. 2016.

GATTI, Thérèse. CASTRO, Rosana. OLIVEIRA, Daniela. Materiais: Manual para manufatura e prática em Artes. Brasília: Secretaria de Estado e Cultura do DF: Fundo da Arte e da Cultura – FAC, 2007.

GONZÁLEZ, Eugênio. Necessidades educacionais específicas. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LIMA, Edvaldo Pereira, Psicologia Profunda: textos de conhecimento e vida. 2013, São Paulo. Disponível em:
https://books.google.com.br/books?id=kqFFBQAAQBAJ&pg=PA123&dq=museu+do+inconsciente&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjvko3j-aXPAhXBh5AKHbPtC_8Q6AEIOjAE#v=onepage&q=museu%20do%20inconsciente&f=false. Acesso em 12 de set. 2016.

MERLAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. 2 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

Obras do Museu do Inconsciente. Disponível em:
http://www.ccs.saude.gov.br/noticias/2016/museuvivoecincoartistas.php
Acesso em 9 set. de 2016.

WILTSHIRE, Stephen. Disponível em: http://www.stephenwiltshire.co.uk/biography.aspx Acesso em 15 out. de 2016.

(Endnotes)

1 - Doutora Thérèse Hofmann Gatto Rodrigues da Costa, professor do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Camille Venturelli Pic, mestranda da linha de pesquisa em Educação em artes visuais, Universidade de Brasília.